

## **SÁBADO DE ALELUIA**

**30 DE MARÇO DE 2024**

**DANIEL 6.1-24**

### **Contexto Litúrgico e Temático**

O Sábado Santo ou Sábado de Aleluia, como é popularmente conhecido, é o dia entre a Sexta-feira Santa e o Domingo de Páscoa e que assinala o tempo em que Jesus esteve no túmulo. Sábado de Aleluia. Uma pausa. Um espaço entre a Sexta-Feira Santa e a Páscoa. Um túmulo cheio e, à exceção do guarda, um jardim vazio. O único som é o do silêncio.

Não prestamos muita atenção ao Sábado de Aleluia, a não ser como o nosso dia de preparação para o Domingo de Páscoa. No entanto, neste dia, somos convidados a abandonar a nossa vida e a entrar no túmulo. O nosso esforço e a nossa retidão, tanto quanto o nosso pecado, nos prende. O nosso esforço para salvar a nossa vida nos prende. Isto é válido tanto para a Igreja como para cada um dos seus membros. Quando abandonamos a nossa vida e entramos no sepulcro, quando o silêncio está à nossa volta, então vemos que Jesus já está lá, à nossa frente, antecipando-se a nós, acolhendo-nos para nos aquietarmos e morrermos nele e encontrarmos nele a nossa vida. E a vida verdadeira.

Os textos propostos para o Sábado de Aleluia nos direcionam para a realidade da morte, causado pelo pecado. Isso é um fato evidente em nossas vidas. No entanto, Jesus Cristo com seu sacrifício vicário na cruz, venceu todos os inimigos que escravizaram e podiam escravizar o ser humano, a saber: o pecado, a morte, o mundo, o diabo, e todas as hostes infernais.

### **Oração do dia**

Ó Deus, criador do céu e da terra, fazei que, assim como o corpo crucificado do Vosso querido Filho Jesus foi depositado no túmulo e descansou neste santo sábado, assim também nós possamos esperar com Ele a vinda do terceiro dia e ressuscitar com Ele em novidade de vida. Em nome de Cristo, aquele que vive e reina convosco e com o Espírito Santo, um só Deus, agora e para sempre. Amém.

### 1. Leituras do dia:

**Salmo 16:** Neste Salmo de Davi, o enfoque está na confiança em Deus. Principalmente, na hora da morte. Um destaque especial, pode ser dado no v. 8 que diz: *“Tenho o Senhor sempre diante de mim; estando ele à minha direita, não serei abalado”*. Esse versículo nos revela, que o Senhor sempre está comigo, isso traz a segurança de que nem mesmo o poder da morte pode me abalar. No Senhor, temos segurança, mesmo diante de momentos tão difíceis como a chegada da morte. Este Salmo, conduz o leitor a confiar em Deus e se refugiar na sua presença, mesmo diante da morte.

**Daniel 6.1-24:** Esta é a perícopé com a qual iremos nos ater mais especificamente. Trata-se do famoso relato de Daniel na cova dos leões. O texto nos revela que Daniel era irrepreensível e fiel, e “havia nele um espírito excelente” (Dn 6.3-4, 22). Apesar de ter sido acusado e entregue à morte, o Senhor preservou a sua vida e fechou a boca dos leões, “porque tinha confiado no seu Deus” (Dn 6.23). Da mesma maneira, Cristo fechou a boca da morte e do diabo, submetendo-se à morte em nosso lugar, mas ressuscitando no terceiro dia para a nossa justificação e certeza da vida eterna.

**1 Pedro 4.1-8:** O apóstolo Pedro em sua primeira epístola reitera o ensino da mudança de vida, da vida santificada. O texto fala sobre como os cristãos devem viver em conformidade com a vontade de Deus e como devem se relacionar uns com os outros. Eles são instruídos a evitar os desejos carnis e a busca por prazeres pecaminosos enquanto vivem nesta vida terrena. Pedro destaca que o amor mútuo deve ser fervoroso, e que o amor cobre uma multidão de pecados. Os cristãos são encorajados a praticar a hospitalidade uns com os outros, demonstrando cuidado, generosidade e acolhimento. A vitória de Cristo sobre a morte, é a garantia de um andar com Deus e de uma luta contra os pecados. O tempo da Quaresma aponta para essa verdade. Esses princípios incentivam a vida cristã em harmonia entre os crentes e glorificação a Deus através de suas vidas.

**Mateus 27.57-66:** O texto do Evangelho, aponta para a realidade da morte e a permanência de Cristo na sepultura durante o Sábado. Pilatos, a pedido dos sacerdotes, ordena que guardassem a sepultura onde Jesus estava, visto que Cristo havia dito: *“Depois de três dias ressuscitarei”*. Era necessário, que tudo isso acontecesse, para se cumprir o que foi dito por intermédio dos profetas.

## **2. Aspectos Introdutórios de Daniel**

O livro de Daniel e sua autoria e datação é muito discutido entre estudiosos. Talvez seja o livro profético mais dissecado e negado do Antigo Testamento. Alguns estudiosos críticos datam suas várias seções muito depois das datas fornecidas no próprio livro e não consideram nenhum dos eventos do livro como histórico. Essa visão crítica influenciou até mesmo alguns autores que se dizem mais conservadores e evangélicos, mas que adotam alguma forma de suas teorias críticas e tentam modificá-las para torná-las compatíveis com uma visão evangélica da inspiração. No entanto, a maioria dos evangélicos cristãos

defende a visão tradicional, que também foi defendida por Lutero e pelos reformadores. Essa visão aceita o livro como proveniente da pena de Daniel e entende os eventos relatados no livro como historicamente precisos. (STEINMANN, 2008, p.01)

No início de 604, o rei Nabucodonosor voltou para a Babilônia com vários cativos da Judéia, incluindo Daniel. Esses prisioneiros foram a primeira onda do que veio a ser conhecido como Cativo Babilônico. Em 587, Jerusalém cairia e muitos judeus se juntariam a Daniel no cativeiro. Esta foi uma nova era para o povo de Judá. Pela primeira vez desde que entraram na terra de Canaã em 1406, muitos deles passam a viver fora da terra prometida a Abraão, Isaque e Jacó. Isso os levou a questionar seu relacionamento com Deus. Suas promessas ainda seriam válidas ou foram revogadas? Deus continuaria a defendê-los? Eles poderiam confiar nele, ou ele os rejeitou para sempre? As experiências e profecias de Daniel tratam dessas questões. Além disso, eles apontam para o grande amor de Deus que perdura mesmo quando seu povo passa por turbulências que parecem fora de seu controle. (LESSING e STEINMANN, 2014, p.433)

O livro de Daniel começa na primeira parte do reinado de Nabucodonosor. O próximo rei citado no livro é Belsazar, mencionado acima como sendo o co-regente de Nabônides, o último rei do período neobabilônico. Houve três reis babilônicos que reinaram entre Nabucodonosor e Nabônides, mas eles não são mencionados em Daniel. São eles Amel-Marduk (562-560), filho de Nabucodonosor (conhecido como Evil-Merodaque em 2Rs 25.27-30), Neriglissar (560-556) e o seu inapto filho, Labashi Marduk (556). (DILLARD e LONGMAN, 2006, p.325)

Podemos delimitar o livro de Daniel da seguinte forma: Daniel 1-6 contém relatos das experiências de Daniel e seus amigos Azarias, Hananias e Misael (Sadraque, Mesaque e Abednego) sob os governantes babilônicos Nabucodonosor (605-562) e Belsazar (553/550-539), bem como o imperador persa

Ciro, o Grande (538-530). Daniel 7-12 contém visões que datam dos anos do rei reinante.

O livro de Daniel não pode ter existido em sua forma atual antes de 536, pois essa é a data da visão final. Além disso, Daniel 1.21 afirma que Daniel serviu na corte babilônica até o primeiro ano de Ciro (primavera de 538 - primavera de 537). Assim, mesmo as primeiras partes do livro provavelmente foram escritas no início do reinado de Ciro, embora recontem incidentes da era babilônica. Isso é confirmado pela presença de empréstimos do persa antigo. Visto que Daniel provavelmente tinha oitenta anos na época da composição, é improvável que ele tenha escrito o livro depois de cerca de 530. (LESSING e STEINMANN, 2014, p.434)

Embora o livro de Daniel comece com Deus entregando seu povo aos babilônios (Dn 1;1-2), ele não os abandona aí. Em vez disso, em Daniel, Deus é o protetor de seu povo. Isso é visto mais claramente quando ele resgata Daniel da cova dos leões (Dn 6) e Sadraque, Mesaque e Abednego da fornalha de fogo (Dn 3). No entanto, praticamente todos os capítulos enfatizam que Deus controla os eventos da história humana para defender e libertar seu povo, mesmo em meio a intensa perseguição. As visões enfatizam a libertação de Deus, não apenas no tempo, mas também no último dia. A profecia mais clara do Antigo Testamento sobre a ressurreição de todas as pessoas e a glória eterna do povo de Deus é encontrada em Dn. 12.1-3. (LESSING e STEINMANN, 2014, p.443)

### **3. Aspectos Teológicos de Daniel 6.1-24**

A história de Daniel na cova dos leões é provavelmente a mais conhecida das narrativas de Daniel, juntamente com o relato dos três judeus na fornalha ardente (Daniel 3). Os dois relatos são claramente paralelos em muitos aspectos. Ambas são narrativas de fé face à perseguição e de libertação milagrosa pelo poder onipotente de Deus para salvar o seu povo. Ambas as narrativas apresentam acusações de oficiais pagãos contra os judeus que se recusam a comprometer a sua fé e adoração apenas a Yahweh. Ambos até empregam a

mesma expressão aramaica, “comer pedaços de” alguém, significando acusações maliciosas, e estas são as únicas duas vezes que esta expressão ocorre em Daniel (3.8; 6.24). Ambos os relatos terminam com um decreto do rei para todos os povos, nações e línguas de toda a terra, proclamando o poder de Deus e ordenando respeito pelo Deus dos judeus (3.29-30; 6.26-28).

Contudo, duas diferenças importantes nos dois relatos apontam para a ênfase única na narrativa da perseguição de Daniel, em contraste com a perseguição de Sadraque, Mesaque e Abednego. Em Daniel 3, a fidelidade dos judeus é demonstrada pela sua relutância em quebrar o Primeiro Mandamento: eles não se curvaram diante de um ídolo. Contudo, Daniel não foi obrigado pelo decreto de Dario em Daniel 6 a adorar qualquer deus em particular. Em vez disso, ele foi proibido de orar ao seu Deus, o único Deus verdadeiro. Portanto, a ênfase neste relato está no Primeiro e Terceiro Mandamentos e na verdade de que um crente não deve negligenciar a adoração a Deus para tentar evitar a perseguição. (STEINMANN, 2008, p.299)

**V.1-5:** Dario, o Medo, “recebeu o reino”, e em 6.2, Dario decide colocar sátrapas no reino conquistado da Babilônia. Um dos primeiros itens após uma conquista é estabelecer um aparato governamental para administrar o governo do novo rei. A sua intenção ao designar supervisores do serviço civil era que o rei não sofresse dano, isto é, em território (devido a rebeliões) ou em impostos (devido a corrupção). O perigo sempre estava presente (cf. Ed 4:13, com relação ao século seguinte), e um dirigente a respeito do qual se sabia ser imune à corrupção (v. 4) seria um candidato óbvio a um cargo de responsabilidades adicionais. Daniel começou a se destacar muito no império, tal como havia ocorrido durante os dias de Nabucodonosor. Daniel havia sido designado pelo rei como um dos três homens mais importantes de seu governo. Todavia, por dádiva Divina, Daniel se destacou entre os demais de tal forma que o rei teve vontade de colocá-lo como superior sobre todo o reino. Isso despertou a ira e a

inveja dos demais presidentes e governadores, que procuravam de alguma forma derrubar Daniel. Em obediência à lei do país Daniel era irrepreensível; contudo, se a lei do seu Deus chegasse a conflitar com esta, poderia surgir uma ocasião para perpetrar uma acusação contra ele. (BALDWIN, 1968, p. 136)

**V.6-9:** A sugestão que foi apresentada ao rei foi calculada de modo a envaidecer o seu ego e dar uma expressão à sua nova autoridade. Tal mostra de lealdade da parte dos seus funcionários civis seria muito bem-vinda; se estivesse implicado ser ele semidivino, isto também contribuiria para o seu estabelecimento como rei (cf. 3:7); e, mesmo que isto representasse uma invasão para dentro dos limites da devoção religiosa privada, pessoal, o período de vigência do edito era limitado, não se vislumbrando assim nenhuma consequência maléfica. Do inexperiente rei dificilmente se poderia esperar que desse por conta que havia outros motivos por trás dessa demonstração de lealdade; e, se ele suspeitasse de alguma coisa, não conseguia ver motivos para se preocupar. Por isso, assinou o documento que fez dele rei deus por trinta dias, conforme a lei dos medos e dos persas, que não se pode revogar. (BALDWIN, 1968, p. 136)

**V.10-18:** Assim que o documento foi assinado, Daniel sabia que havia sido enredado. Se por acaso a possibilidade de que pudesse modificar a sua rotina de oração ou de orar sem que parecesse que o estivesse fazendo lhe ocorreu, foi logo descartada como estando fora de consideração. Resoluta e imperturbavelmente, deu continuidade a um hábito de toda a sua vida, de oração regular, tal como os seus acusadores esperavam que fizesse. Tivesse ele tomado alguma atitude evasiva, sem dúvida algum outro complô seria montado contra ele, e salvando a sua própria pele teria traído ao Deus ao qual servia já havia uns setenta anos. Não teria ganho nada, e teria perdido a oportunidade de dar provas da fidelidade do seu Deus. Quando aqueles homens flagraram Daniel orando a Deus, logo eles o acusaram formalmente. Com isso, o rei se viu obrigado a executar sobre ele a sentença prevista no decreto. O poder absoluto não

conseguia a absolvição de Daniel por causa do poder ainda maior da opinião pública unida. A pressão acabou por fazer com que o rei cedesse. Ele deu ordens, e a sentença que ele menos queria pronunciar foi executada. O selamento da cova com os anéis de sinete do rei e de seus nobres (Dn 6.17) garante que nenhuma das partes possa interferir no julgamento de Daniel. O rei não conseguirá resgatar Daniel, e os acusadores de Daniel não conseguirão matá-lo se os leões não o fizerem. As noites de Dario sem comer e dormir são uma consequência da severa ansiedade diante da realidade que ele está experimentando. Seria torturante para um governante ser pressionado a condenar um homem inocente a quem ele considerava favoravelmente (cf. Dn 6.3; Mt 27:19). Com a consciência pesada, Dario não é capaz de desfrutar de entretenimento ou prazeres, e por isso se abstém deles. (BALDWIN, 1968, p. 137); (STEINMANN, 2008, p.320)

**V.19-28:** Dario parece ter demonstrado alguma esperança de que Deus seria capaz de libertar Daniel dos leões. Ele repete a maior parte de seu desejo ou oração de 6.16 na forma de sua pergunta esperançosa em 6.20. Ele corre ao amanhecer para a cova selada (cf. Mt 28.1) e chama Daniel, o que não teria feito se tivesse certeza de que Daniel estava morto. Ele caracteriza Daniel como “servo do Deus vivo” (6.20). Deus é frequentemente chamado de “o Deus vivo” nas Escrituras. Contudo, estas são as únicas passagens em todo o AT onde o título divino aparece nos lábios de um gentio (não-israelita). Demonstra que Dario tem pelo menos uma pequena esperança de que é possível que Daniel ainda viva se o seu Deus o favorecer.

A resposta de Daniel é uma prova de que o seu Deus realmente vive, e foi capaz de socorrê-lo. Isto implica quem Deus é e que Ele socorre aos que são fiéis a Ele, essa é a descoberta mais importante que Dario poderia fazer. Daniel então explica por que conseguiu sobreviver entre os leões durante a noite: Deus enviou um anjo, que fechou suas bocas. Ocasionalmente, em ambos os Testamentos, Deus envia um anjo para libertar o seu povo fiel do perigo e trazê-lo para a



segurança (por exemplo, 1 Reis 19.5-7; Mt 2:13, 19-20). Anteriormente, Nabucodonosor viu o “homem divino” (Dn 3.25), a quem ele descreveu como o “anjo” de Deus (3.28), mas que provavelmente era o Cristo pré-encarnado, o Filho de Deus, que traz o amor de Deus. E que também aparece como o “Filho do Homem” que recebe o reino de Deus em 7.13-14; o “Príncipe do exército” em 8.11; o Messias” e “Líder” em 9:25-26; e o homem celestial em 10.4-21.” É possível que o “anjo” aqui em 6:22 seja o Cristo pré-encarnado, que às vezes aparece no AT como “o Anjo de Yahweh/o Senhor”.

Aqui Daniel é o único que percebeu o anjo, mas Dario e seus oficiais certamente testemunharam o resultado do milagre. A preservação milagrosa de Daniel confirma que o propósito usual para o qual Deus envia seus “espíritos ministradores” é ajudar os crentes como parte de seu plano maior de trazê-los à vida eterna (Hb 1.14; cf. Hb 1.7). A libertação dos crentes pode dar-lhes mais oportunidades para proclamar o Evangelho e assim levar os incrédulos à salvação (cf. Atos 5.19; 8.26; 10.22; 12.7-11).

Daniel declara que ele foi salvo porque é justo diante de Deus, que “me achou inocente diante dele” (Dn 6.22). Sua fé ficou evidente em sua fidelidade na adoração e na oração, mesmo quando ameaçado com a pena de morte. Ele estava confiante de que nem mesmo a morte o separaria do seu amoroso Deus. Ele poderia dizer como o salmista Davi, no Salmo 16.8: *“Tenho o Senhor sempre diante de mim; estando ele à minha direita, não serei abalado”*.

Mais tarde, Deus revelará mais a Daniel sobre a ressurreição para a vida eterna (Dn 12.2-3; cf. Rm 8.31-39). A representação de Daniel neste capítulo é consistente com a provável alusão a ele em Hebreus 11.33 de que pela fé “calou a boca dos leões”. Daniel honrou a Deus como o último Rei e Salvador. Deus considerou o fiel Daniel como tendo cumprido o Primeiro e o Terceiro Mandamentos, que abordam a adoração adequada a Deus por parte do crente.

A prática legal de impor àqueles que fazem uma acusação falsa a penalidade que teria sido imposta ao acusado era comum no antigo Oriente Próximo e foi até endossada na Lei do Antigo Testamento. A punição de todas as famílias dos infratores, porém, era proibida na Lei de Moisés (Dt 24:16; ver também 2 Rs 14:6; Ezequiel 18). (STEINMANN, 2008, p.321-322)

#### **4. Sugestões Homiléticas**

**Tema:** A Vitória sobre a morte

- Pode-se iniciar, lembrando a morte de Cristo. Mas seria esse o fim?
- O medo e a insignificância do ser humano diante da morte;
- A segurança que Deus proporciona diante da morte (Sl 16);
- O relato de Daniel e o poder de Deus sobre a morte;
- Cristo “fechou a boca” do poder da morte e do diabo;
- Na morte de Cristo, encontramos a Vida;
- Vivendo essa Nova Vida (1 Pe 4.1-8);

#### **Conclusão**

Apesar de lidarmos com situações que vão contra à própria criação, como a morte, Deus permanece ao lado de seus crentes, nos proporcionando segurança, mesmo diante das situações mais difíceis. Ele nos pede confiança e fidelidade. Conforme mostrado pela aparição do “anjo do Senhor” com Daniel na cova dos leões, Deus resgatará seu povo até mesmo da morte. Para Daniel, o resgate de Deus vem milagrosamente nesta vida para que não morra. Deus não promete sempre realizar tais milagres nesta vida, mas promete que todos aqueles que morrerem com fé nele ressuscitarão para a vida eterna. A morte de Cristo pelos nossos pecados, nos proporciona uma nova vida. As passagens posteriores de Daniel também tornam explícito que a base para a promessa do Evangelho de

Deus da ressurreição para a vida eterna é baseada na morte expiatória e na ressurreição do Messias prometido.

Rev. Richard Henry Pieper